



MIND
THE GAP!

MELHORAR A INTERVENÇÃO
NO DOMÍNIO DA VIOLÊNCIA
CONTRA MULHERES IDOSAS
EM RELAÇÕES DE INTIMIDADE

*Violência contra mulheres idosas em relações de intimidade:
Contributos para o Manual de Policiamento da Violência Doméstica*

Co-financiado pela Comissão Europeia no âmbito do Programa Daphne III da DG Justiça, Liberdade e Segurança. Coordenado pela Zoom – Society for Prospective Developments.



Este contributo para o Manual de Policiamento da Violência Doméstica (cuja autoria é da Direção-Geral da Administração Interna) reflete apenas as opiniões das autoras; a Comissão Europeia não pode ser responsabilizada pelo seu conteúdo ou pelo uso que possa ser feito das informações contidas neste contributo.

Lisboa, Fevereiro de 2013

Mind the Gap! Melhorar a intervenção no domínio da violência contra mulheres idosas em relações de intimidade

Heloísa Perista, Alexandra Silva

CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social

Rua Rodrigues Sampaio, N.º 31, S/L Dta

1150-278 Lisboa

www.cesis.org

www.facebook.com/cesis.org



Nota introdutória

O presente contributo para o 'Manual de Policiamento da Violência Doméstica', da autoria da Direção-Geral da Administração Interna, insere-se no âmbito do Projeto *Mind the Gap! Melhorar a intervenção no domínio da violência contra mulheres idosas em relações de intimidade*, coordenado pela Zoom - Society for Prospective Developments e desenvolvido, entre Março de 2011 e Fevereiro de 2013, por sete universidades e centros de investigação na Europa.

Este contributo está estruturado enquanto subcapítulo da Entrevista à vítima, respeitando a organização do mesmo.

1. Entrevista a mulheres idosas vítimas de violência em relações de intimidade – premissas de partida

A violência perpetrada por homens contra mulheres assenta: i) em relações de poder desiguais em função do género; e ii) em identidades, feminina e masculina, construídas sobre princípios normativos assimétricos e sobre expectativas e pressões sociais, mais ou menos permissivas e tolerantes em relação à violência em relações de intimidade.

No caso das mulheres idosas vítimas de violência em relações de intimidade outras dimensões se entrecruzam com o género, nomeadamente o *tempo* das suas vidas (o designado efeito geracional), a (longa) duração das relações de intimidade pautadas pela violência, eventuais antecedentes de violência familiar, questões relativas à autonomia e à dependência ao longo do ciclo da vida e questões que se prendem com a (transferência da) prestação de cuidados.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a violência contra pessoas / mulheres idosas resulta de uma interação complexa entre fatores de ordem individual, relacional, comunitário/local e social. Em WHO (2011) aponta-se para a existência de um conjunto de fatores de risco que, por um lado, incidem sobre a (potencial) vítima e outros que, por outro lado, podem ser evidenciados pelos (potenciais) agressores. Assim, consideram-se os fatores de risco estruturais ou genéricos com incidência diferenciada pela pertença de género bem como fatores de risco (mais) relacionados com a idade; tanto uns como outros podem ser considerados ao nível individual, relacional, comunitário e social¹.

Estes fatores concorrem, em boa medida, para uma possível identificação de perfis de vítimas e de agressores.

¹ De acordo com o modelo ecológico baseado em quatro níveis de intervenção contra o abuso contra as pessoas idosas apresentado em WHO, 2011.

Fatores de risco

Dimensões	Vítima	Agressor
Individual	Sexo feminino	Sexo masculino
	Idade	Idade
	Fragilidade física	Consumos abusivos de álcool ou outras substâncias
	Estado de saúde mental (ex.: demência / distúrbio depressivo)	Estado de saúde mental (ex.: demência / distúrbio depressivo)
	Crescente necessidade de prestação de cuidados – transferência de cuidados	Crescente necessidade de prestação de cuidados – eventual sobrecarga
	Dependência financeira	Problemas financeiros
	Situação socioeconómica e (in)capacidade financeira para aceder a serviços de apoio	
Relacional	Violência de longa duração em relações de intimidade – ‘estado de imobilização’	Violência de longa duração em relações de intimidade – ‘o poder nas suas mãos’
	Formas de organização e dinâmicas familiares assentes nos papéis de género – ‘a mulher’	Formas de organização e dinâmicas familiares assentes nos papéis de género – ‘o homem da casa’
	Isolamento familiar	Isolamento familiar
Comunitário / local	Isolamento social – pouco contacto com vizinhança e pessoas amigas	
	Desconhecimento sobre serviços de apoio a vítimas de violência doméstica de base local	
Societal	Práticas sociais enviesadas pela pertença de género – associação da mulher à dependência, identidade feminina	Práticas sociais enviesadas pela pertença de género – associação do homem ao poder, identidade masculina
	Desconhecimento acerca dos direitos das mulheres idosas, nomeadamente em casos de violência doméstica	
	Fatores económicos (ciclo de vida no feminino pautado por desigualdades materiais, que ganham maior evidência na velhice)	

2. Abordagem da violência com a vítima

Saber como abordar uma mulher idosa vítima de violência em relações de intimidade é particularmente relevante no âmbito da atuação das forças de segurança. Sabe-se que poucas são as mulheres idosas que entram em contacto com as forças de segurança ou que apresentam queixa de violência doméstica. Sabe-se igualmente que, nalgumas situações, quando fazem esse contacto, o que as mulheres idosas procuram é sobretudo que a violência termine sem que, para uma boa parte dessas mulheres, isso implique que o comportamento violento do seu marido / companheiro seja criminalizado.

Não existe uma solução única e perfeita para a abordagem da violência em relações de intimidade com vítimas idosas. Parte-se do princípio de que as perguntas se devem adaptar à situação e a/o profissional tem de se sentir confortável com as perguntas que faz e as expressões que utiliza. No entanto, pode ser útil para os elementos das forças de segurança conhecerem alguns exemplos de como dar início a uma conversa sobre o assunto, como pedir informações mais detalhadas e como lidar com as emoções e informações, muitas vezes chocantes e sensíveis, que lhes são transmitidas.

Exemplos de perguntas que podem ser feitas (adicionalmente àquelas que são habitualmente colocadas a qualquer vítima)

- Como é que tem passado os seus dias?
- Alguma vez alguém a obrigou a fazer coisas que não queria fazer?
- Alguma vez alguém a repreendeu de forma ríspida ou ameaçou?
- Tem medo de alguém?
- Fica muitas vezes sozinha em casa durante longos períodos?
- Alguém, na sua casa, lhe tirou alguma coisa sem lhe pedir licença?
- Alguém, na sua casa, a fez assinar documentos que não entendia?
- Tem tudo o que precisa para cuidar de si?
- Tem algum tipo de ajuda em casa? Como se sente com a ajuda que tem em casa?
- Está a receber toda a ajuda de que precisa?
- (Em situação de dependência de cuidados) Como acha que o seu/sua [marido/filha/outra pessoa prestadora de cuidados] está a lidar com a situação?
- Alguma vez alguém deixou de lhe prestar cuidados quando precisava de apoio?
- O que acontece quando a pessoa que lhe presta cuidados não concorda consigo?
- Precisa e não tem óculos, bengala, aparelho auditivo, etc.?

3. Dificuldades e estratégias para abordar mulheres idosas vítimas de violência em relações de intimidade

Há determinadas dificuldades específicas que podem ser apresentadas pelas mulheres idosas vítimas de violência em relações de intimidade que importa considerar, nomeadamente quando as vítimas têm deficiências cognitivas, barreiras linguísticas ou pertencem a grupos étnico-culturais e/ou religiosos específicos.

Em caso de dificuldades inerentes à idade / estado de saúde (por exemplo, audição ou visão deficitária):

- Pergunte se tem dificuldade em compreender o que foi dito;

- Dê-lhe tempo para ouvir e compreender o que lhe está a ser dito; se necessário, faça pausas;
- Fique de frente para a vítima e fale clara e pausadamente;
- Repita as perguntas tantas vezes quantas as necessárias procurando recorrer a outras palavras; se necessário, falar mais alto mas não gritar;
- Se possível, assegure-se de que todos os documentos que devam ser devidamente compreendidos e/ou assinados pela vítima são lidos em voz alta.

Em caso de vítimas com deficiência cognitiva ligeira, pode optar-se por abordá-las diretamente:

- Faça perguntas muito simples e diretas;
- Faça perguntas que abordem apenas um assunto e evite perguntas com respostas alternativas;
- Não faça perguntas tendenciosas que, de algum modo, sugiram uma resposta;
- Fale devagar e pausadamente;
- Pare de fazer perguntas quando a vítima ficar nervosa.
- Caso a vítima tenha um maior grau de deficiência, é importante falar também com outra pessoa que não o/a agressor/a ou com o/a tutor/a legal.

Em caso de vítimas que apresentem dificuldades ao nível linguístico:

- Se possível, procure visitar / entrevistar a vítima com outro elemento policial que saiba falar a respetiva língua ou pedir a um/a tradutor/a externo/a que o/a acompanhe;
- Nunca envolva parentes próximos como tradutores/as. Isto pode ser mais prejudicial do que benéfico!
- Contacte o serviço de informação a vítimas de violência doméstica ou serviços específicos para imigrantes e/ou pessoas estrangeiras e solicite aconselhamento. Estas organizações têm, pelo menos, folhetos nas línguas estrangeiras mais comuns em Portugal dirigidos a mulheres vítimas de violência doméstica e podem também conhecer intérpretes oficiais.

Em caso de vítimas pertencentes a grupos étnico-culturais / religiosos específicos:

- Quando não falam a língua portuguesa, socorrer-se das estratégias referidas para as vítimas que apresentam dificuldades ao nível linguístico;
- Procurar que sejam elementos femininos das forças de segurança a proceder à entrevista e ao registo de informação;
- Contacte o serviço de informação a vítimas de violência doméstica ou serviços específicos para imigrantes e/ou pessoas estrangeiras (ACIDI; Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica; Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes) e solicite aconselhamento.

Checklist para a avaliação do risco em situações de violência contra as mulheres idosas em relações de intimidade (questões adicionais específicas)²

	Sim	Não	Não se aplica
1. (Se o marido / companheiro, durante a vida ativa, esteve desempregado) O seu marido / companheiro, na(s) altura(s) em que esteve desempregado, no passado, foi, de alguma forma, violento?			
2. (Se tiver filho/a(s)) O seu marido / companheiro tem exercido maior controlo sobre a sua vida desde que o(s) seu(s) filho(s) / a(s) sua(s) filha(s) saíram de sua casa?			
3. (Se tiver filho/a(s)) O seu marido / companheiro tem gritado consigo e/ou tem-na insultado com mais frequência desde que o(s) seu(s) filho(s) / a(s) sua(s) filha(s) saíram de sua casa?			
4. (Se tiver filho/a(s)) O seu marido / companheiro tem-lhe batido / agredido com mais frequência desde que o(s) seu(s) filho(s) / a(s) sua(s) filha(s) saíram de sua casa?			
5. Desde que o seu marido / companheiro passou à reforma, tem gritado mais consigo?			
6. Desde que o seu marido / companheiro passou à reforma, tem-na insultado / chamado nomes ofensivos com maior frequência?			
7. Desde que o seu marido / companheiro passou à reforma, tem-lhe batido com maior frequência?			
a. Se sim, as agressões (físicas) têm sido mais graves?			
8. O seu marido / companheiro tem alguma doença do foro psiquiátrico (demência, bipolaridade, depressão) diagnosticada? Especificar a doença:			
9. (Se marido / companheiro sofrer de doença do foro psiquiátrico) O seu marido / companheiro parou de tomar medicação para o tratamento de doenças do foro psiquiátrico recentemente? Especificar a doença:			
10. (Se marido / companheiro sofrer de doença crónica) O seu marido / companheiro tem-lhe exigido ³ , a si, uma maior prestação de cuidados?			
11. Sofre de alguma doença do foro psiquiátrico (demência, bipolaridade, depressão)? Especificar a doença:			
12. Sofre de alguma doença crónica e necessita de apoio ao nível dos cuidados básicos? Especificar a doença:			
13. (Se necessita que o seu marido / companheiro lhe preste cuidados - por exemplo, a ajude a vestir-se, a ir à casa-de-banho, a alimentar-se, a deitar-se, a sentar-se, a tomar medicação) O seu marido / companheiro tem-lhe prestado os cuidados de que necessita?			
14. (Se o seu estado de saúde piorou recentemente) O seu marido / companheiro não consegue prestar-lhe os cuidados de que necessita agora:			
a. Por dificuldades económicas (não aquisição de medicamentos necessários)?			
b. Por dificuldades de mobilidade / dependência de cuidados do marido / companheiro?			
c. Por estar saturado de lhe prestar cuidados?			
15. O seu marido / companheiro tem-lhe impedido ou dificultado o uso de, por exemplo, óculos, dentadura, aparelhos auditivos, andador, cadeira de rodas, fraldas?			
16. O acesso aos seus bens (conta bancária, reforma / pensão) é intermediado pelo seu marido / companheiro?			
17. Tem mais de 75 anos? ⁴			

² Este conjunto de perguntas específicas, no âmbito da avaliação do risco dirigida a vítimas idosas enquanto vítimas especialmente vulneráveis, pressupõe a aplicação de todas as questões que constam da avaliação de risco aplicada a todas as vítimas.

³ A questão não procura saber se o marido / companheiro tem necessitado que lhe sejam prestados maiores cuidados mas antes se o marido / companheiro tem exigido a prestação de maiores cuidados independentemente de deles necessitar ou não.

⁴ A resposta positiva a esta questão deve ser considerada de forma cumulativa a outras acima colocadas. Ou seja, a idade mais avançada por si só pode não ser sinónimo de risco acrescido.

4. Referências bibliográficas

Perista, H., Baptista, I. e Silva, A. (Eds.) (2011) *Breaking the taboo 2. Violência contra mulheres idosas no contexto das famílias: reconhecer e agir*. Lisboa: CESIS / LGP DIGITAL. Disponível em:

http://www.cesis.org/admin/modulo_news/ficheiros_noticias/20130308145517-1manual_de_formauo.pdf.

Perista, H. e Silva, A. (2013) *Mind the Gap! As respostas da polícia e do sistema judicial com base numa análise de processos do Ministério Público*. Lisboa: CESIS / Diagonal.

Disponível em: <http://www.ipvow.org/en/manuals-and-guidance>.

Perista, H. e Silva, A. (2013) *Um programa de formação para as forças de segurança*. Lisboa: CESIS / Diagonal. Disponível em:

<http://www.ipvow.org/en/manuals-and-guidance>.



Perista, H., Silva, A. e Neves, V. (2010) *Violência contra mulheres idosas em relações de intimidade – Relatório nacional de Portugal*. Lisboa: CESIS. Disponível em:

http://www.ipvow.org/images/ipvow/reports/IPVoW_Portugal_Portuguese_final.pdf.

WHO, The Regional Office for Europe (2011) *European report on preventing elder maltreatment*. Rome: WHO.

Nota para tradução: a parte seguinte não precisa de ser traduzida de novo - já foi traduzida antes

O Projeto Mind the Gap! Melhorar a intervenção no domínio da violência contra mulheres idosas em relações de intimidade

Este projeto, coordenado pela Zoom - Society for Prospective Developments e desenvolvido entre Março de 2011 e Fevereiro de 2013, tem como objetivo reforçar as competências das forças de segurança e das organizações de apoio social para o combate à violência contra mulheres idosas em relações de intimidade, e ao mesmo tempo sensibilizar o público em geral para o tema e para o apoio às vítimas.



Os resultados da nossa investigação anterior (IPVoW⁵) mostram que apenas uma pequena minoria das mulheres idosas vítimas procura ajuda; é evidente que têm um menor conhecimento dos sistemas de apoio existentes e estão menos preparadas para aceder a esses apoios do que as mulheres mais jovens. Ficou também patente que as forças de segurança e os serviços de apoio social, assim como o público em geral, têm, na generalidade, pouco conhecimento sobre a complexidade do tema.

Muitos/as profissionais das forças de segurança e dos serviços de apoio social reconhecem que existe uma grave falta de informação sobre o modo como lidar com estes casos, que as suas atuais opções são limitadas e que os exemplos de boas práticas não estão amplamente difundidos. Adicionalmente e com frequência, os casos de violência contra mulheres idosas em relações de intimidade não podem ser resolvidos a contento das partes envolvidas.

O nosso projeto centra-se explicitamente no desenvolvimento das competências das forças de segurança e dos serviços de apoio social para lidarem com estes assuntos.

Para um melhor entendimento do modo como as forças de segurança e outras autoridades de aplicação da lei lidam atualmente com casos de violência contra mulheres idosas em relações de intimidade, a nossa investigação incluiu uma análise quantitativa e qualitativa de processos do Ministério Público, reforçada por *workshops* nacionais e pela consulta a pessoas peritas e a profissionais. Esta investigação produziu os seguintes resultados:

- uma melhor perceção sobre as intervenções factuais e sobre o apoio prestado por agentes de aplicação da lei;
- uma maior sensibilização das forças de segurança e dos serviços de apoio social sobre as mulheres idosas enquanto vítimas de violência em relações de intimidade;

⁵ IPVoW – *Intimate Partner Violence against older Women* foi um projeto de investigação desenvolvido pelas mesmas entidades parceiras do projeto Mind the Gap!. Informação sobre o projeto e os respetivos relatórios está disponível em www.ipvow.org.

- encorajamento das organizações para combater o problema e a melhorar o auxílio a este subgrupo de vítimas;
- contributo para o reforço das competências das forças de segurança e dos serviços de apoio social para que possam responder e intervir com sucesso nestes casos.

Entidades parceiras

- Áustria – IKF (Institute of Conflict Research), Viena: Birgitt Haller e Helga Amesberger
- Alemanha - Zoom - Society for Prospective Developments e.V., Goettingen: Barbara Nägele, Nils Pagels e Sandra Kotlenga
- Alemanha - German Police University (DHPol), Muenster: Thomas Goergen, Anabel Taefi, Sabine Nowak e Benjamin Kraus
- Grã-Bretanha - University of East Anglia (UEA), Norwich: Bridget Penhale e William Goreham
- Hungria - Academy of Science, Budapest: Olga Tóth e Júlia Galántai
- Polónia - University of Bialystok: Malgorzata Halicka, Jerzy Halicky, Emilia Kramkowska e Anna Szafranek
- Portugal – CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social, Lisboa: Heloísa Perista e Alexandra Silva.

